

## AS PRÁTICAS FORMATIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA: A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DA ARTE NOS ANOS INICIAIS DA ESCOLARIZAÇÃO.

Karlayne Amanda Costa dos Santos<sup>1</sup>; Clarissa Martins de Araújo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Pedagogia- CE – UFPE; E-mail: karlayne.costa@gmail.com

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais – CE – UFPE.

E-mail: cmaraujo@ufpe.br

**Sumário:** Esta pesquisa teve como objetivo proporcionar a constituição de práticas formativas no ensino de arte que promovam o desenvolvimento da autonomia de alunos em escolas da rede municipal de ensino de Recife. O estudo ocorreu em uma escola, com duas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Realizamos a pesquisa-ação, utilizando a observação e a entrevista semiestruturada. Após diagnóstico da *práxis* pedagógica no ensino de arte nas duas salas de aula, elaboramos com as professoras a oficina “Vida e obra do Mestre Vitalino”, com base na concepção de ensino de arte como conhecimento, proposto pela Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Os resultados revelaram que a oficina, através da mediação da professora, possibilitou maior interação entre professor-aluno-escola no processo de ensino e de aprendizagem da obra de Vitalino, a partir da contextualização e equilíbrio entre a leitura e o fazer artístico, o que nos leva a crer que o ensino de arte, com base nessa concepção, promove o desenvolvimento cultural e autonomia dos educandos.

**Palavras-chave:** Práticas formativas, ensino de arte, Abordagem Triangular, autonomia.

### INTRODUÇÃO

A realidade escolar tem se constituído como principal espaço de construção de conhecimentos, valores, atitudes, habilidades, uma vez que este, segundo Guimarães (2004, p. 31) é o “espaço de mediação entre aluno e a cultura, envolvendo processos intensos de relações, principalmente entre professor e alunos e destes entre si e, mais amplamente, também mediação entre Estado e comunidade”. Nesse contexto, as atuais demandas da sociedade vêm exigindo que os educandos sejam capazes de estabelecer relações interpessoais de forma crítica, criativa e autônoma.

Sobre a Autonomia, destacamos os trabalhos de La Taille (2001), Freire (2002) e Zatti (2007), que de um modo geral buscam compreender a *Autonomia* tanto como uma *atividade cognitiva*, onde o sujeito age sobre seu próprio pensamento na construção dos saberes, como a partir do *contexto social* no qual se efetua esta atividade, privilegiando-se, sobretudo, as interações entre os pares, com vista a formação humana dos educandos.

Na escola, o ensino de arte, sem negar a importância dos demais saberes disciplinares, pode promover o desenvolvimento da autonomia dos alunos, pois como nos sinaliza Silva (2005), com base nos estudos de Ramos-de-Oliveira; Zuin; Pucci (2001),

[...] O conhecimento artístico possibilitaria suspender, ainda que temporariamente, o privilégio da competência cognitiva na escola, potencializando outros usos sociais da razão com a competência simbólica e criativa, sem negar, obviamente, a necessidade de constituição do sujeito epistêmico. Assim, o trabalho da Arte estaria a exigir da educação o cumprimento do seu papel emancipatório, ético, reconfigurando os processos pedagógicos de ensinar e aprender (SILVA, 2005, p. 39).

No entanto, temos observado que as práticas educativas de ensino de arte ainda se apoiam na concepção de ensino como *técnica* (valorização do produto artístico, desvalorização do processo), como *expressão* (supervalorização do processo artístico, pouca valorização do produto estético), como *atividade* (valorização de atividades artísticas, desvalorização dos conteúdos do campo da arte), em detrimento da concepção de *arte como conhecimento*, a qual “valoriza tanto o produto artístico como os processos desencadeados no ensino de arte, trazendo para o contexto atual da Arte/Educação a idéia de arte como processo e produto, que vem sendo defendida por Barbosa (1975), desde a década de 1970.” (SILVA e ARAUJO, 2007, p. 15).

A reflexão crítica sobre a prática precisa ser recuperada como elemento central da formação de professores. No entanto, não se trata de privilegiar apenas a construção de conhecimento através de um processo pessoal, mas, da construção coletiva, crítica e reflexiva entre os saberes, nesse estudo, no ensino das artes visuais, com os saberes artístico-estético das comunidades, fruto de um processo compartilhado, onde o conhecimento de cada um é o resultado de aprendizagens conquistadas coletivamente. Entendemos desse modo, a construção de saberes na perspectiva da epistemologia da prática profissional, que “é o estudo do *conjunto* dos saberes utilizados *realmente* pelos práticos em seu espaço de trabalho cotidiano para assumir a *totalidade* de suas tarefas” (TARDIF, 1999 apud GUIMARÃES, 2004, p.9 - grifos do autor).

Diante do acima exposto, buscamos, como objetivo geral nessa pesquisa, proporcionar a constituição de práticas formativas no ensino de artes que promovam o desenvolvimento da autonomia de alunos em escolas da rede municipal de ensino. Para isso, definimos os seguintes objetivos específicos: conhecer como os docentes percebem o ensino de artes na escola; delinear as práticas formativas no ensino de artes em sala de aula; identificar que saberes os professores mobilizam para o ensino de artes; oferecer condições para que os professores identifiquem e elaborem ações formativas que promovam a autonomia dos educandos.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Essa realidade levou-nos a elaboração de uma proposta de pesquisa-ação onde, que conforme nos aponta Thiollent (2000, p. 15), o pesquisador assume “um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”.

Selecionamos uma escola da rede municipal do Recife e nela trabalhamos com duas professoras do terceiro ano do ensino fundamental (*Tarcila Amaral* e *Guita Charikfer* – nomes fictícios para preservar a identidade das docentes).

Utilizamos na coleta de dados a observação e a entrevista semiestruturada. As observações das práticas formativas no ensino de artes nos permitiram conhecer o professor e como a Arte se constitui no processo de construção da autonomia do educando. As entrevistas foram aplicadas individualmente, como “explicações” sugeridas ao respondente com relação a realidade investigada. Estas conversas seguiram um roteiro básico, mas flexível, procurando guiar o pesquisador através dos principais tópicos da pesquisa: as práticas formativas para o ensino de arte como forma de valorizar a herança cultural, artística e estética dos alunos, os saberes docentes para a constituição do professor reflexivo e desenvolvimento da autonomia do aluno.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na escola investigada, percebemos que as professoras *Tarsila* e *Guita*, veem o ensino de arte como um atrativo para os alunos, o que faz com que as mesmas planejem suas aulas

com atividades como pintar, colar, recortar, com o objetivo principal de produzir materiais para as datas comemorativas. Até a escolha da sexta-feira para o ensino de arte se dá pelo fato delas considerarem este conteúdo simples, fácil e não sobrecarregar os alunos que já estão cansados da jornada da semana. Ou seja, para as professoras a arte não contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Essa forma de pensar o ensino de arte se aproxima da concepção de arte como atividade, que se constitui, como destaca Silva em seus estudos,

Isenta de qualquer conteúdo de ensino, a concepção de ensino da arte baseada exclusivamente no fazer artístico contribuiu muito para relegar a arte a um lugar inferior na educação escolar. (SILVA, 2005, p. 60).

Essa concepção fica clara nas falas de *Tarcila* e *Guita*, que além de não se sentirem preparadas para ensinar arte, afirmam que sempre que precisam de uma aula a mais para as outras disciplinas (português, matemática), elas retiram ou trocam as aulas de artes por esses conteúdos curriculares, como podemos observar abaixo:

É um ensino normal, mas assim, o ensino de artes não é mais importante que matemática e português, algo que não deveria acontecer. Pois, todas as disciplinas são importantes, uma complementa a outra. As professoras se esforçam para ensinar o conteúdo. (Professora *Guita*).

Na escola (pensou) hum... Menina é aquela coisa. Tem o ensino de Artes porque é lei e é obrigatório, mas tipo se pudesse ser substituído, garanto que teria aula de português ou matemática. Ainda temos uma desvalorização com o ensino da arte, não só aqui, em outras escolas também. (Professora *Tarcila*).

Com relação a estrutura física e organizacional da escola, embora a escola possua espaços necessários para a formação de seus educandos, as condições de funcionamento dos mesmos dificultam o desenvolvimento de ações educativas que promovam a autonomia de todos (alunos, docentes e gestores), indicando-nos a necessidade de se refletir juntamente com os educadores, sobre o sentido dessa estrutura no processo de ensino-aprendizagem. Como nos chama atenção Freire (2002, p. 20), “Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.”

As observações em sala de aula nos revelaram ainda, que as práticas de ensino de arte de *Tarcila* e *Guita* priorizam a pintura, colagem, dobraduras, ou apresentações teatrais como proposto por *Tarsila*, por exemplo. Suas ações educativas se aproximam da concepção de ensino de arte como *atividade*, que como mencionamos anteriormente com base nos estudos de Silva e Araújo (2007, p. 9), é “[...] baseada na simples realização de atividades artísticas, é resultado do esvaziamento dos conteúdos específicos da área de arte na educação escolar”.

Ao serem questionadas sobre que saberes docentes elas mobilizam para a elaboração das práticas formativas para o ensino de arte, percebemos que estes saberes são provenientes da experiência docente, que de acordo com Tardif, Lessard e Lahaye (1991) são saberes advindos da prática e que se manifestam por meio de estratégias e maneiras de fazer.

Após essa etapa da pesquisa, nos reunimos com as professoras *Tarsila* e *Guita* para refletir sobre a *práxis* pedagógica no ensino de arte observada em suas salas e elaborar uma ação formativa neste conteúdo com base na concepção de arte como conhecimento, com a valorização da cultura local, que estimule os alunos na realização de pesquisas, produção de conhecimentos na área da arte e vivências na escola que socializem esse aprendizado, conforme proposto pela Abordagem Triangular (BARBOSA, 2005).

Nesse sentido, elaboramos a atividade de intervenção “Oficina de barro – Vida e obra do Mestre Vitalino”, com o objetivo de promover e criatividade dos alunos, através de ações coletivas e individuais relacionadas à história de um artista expressivo de nossa cultura local e que possibilitassem aos educandos a conquista da autonomia, ou seja, “a liberdade de pensar por si, além da capacidade de guiar-se por princípios que concordem com a própria razão” (ZATTI, 2007, p. 53),

A oficina teve duração de três dias e foi realizada nas salas das professoras *Tarcila* e *Guíta*, a partir da leitura e discussão sobre o ensino de arte como conhecimento. Elaboramos um texto sobre a vida do artista, apresentamos um vídeo e fotos que mostravam o processo de produção de suas obras, oferecendo aos alunos materiais como a argila, lápis de cor e hidrocor, tintas, pincéis, cartolinas, entre outros, a fim de que eles pudessem contextualizar suas leituras da arte de Vitalino. Cada professora realizou a atividade em sua sala, culminando com a apresentação dos trabalhos dos alunos de ambas as salas para a escola.

O ensino de arte, nesse caso da cultura visual, com base na Abordagem Triangular, possibilitou aos professores, através do processo de ensino e aprendizagem, produzir sentido a leitura da obra do Mestre Vitalino pelos alunos, “buscando na *Contextualização* o ponto de equilíbrio entre a *Leitura* e o *Fazer Artístico*” (AZEVEDO, 2014, p. 64), caminhando assim para o desenvolvimento cultural e humano desses educandos.

## CONCLUSÕES

Na pesquisa desenvolvida no período de 2014-2015, buscamos proporcionar a constituição de práticas formativas no ensino de artes de modo a contribuir para o desenvolvimento da autonomia de alunos em escolas da rede municipal de ensino de Recife. Privilegiamos a construção do conhecimento através do processo pessoal e coletiva de ensino e de aprendizagem no ensino de arte, de forma crítica e reflexiva, entre os saberes da cultura visual e os saberes artístico-estético das comunidades, fruto de um processo compartilhado, onde o conhecimento de cada um é o resultado de aprendizagens conquistadas coletivamente.

As ações formativas elaboradas pela pesquisadora, com a participação das professoras, para a oficina “Vida e obra do Mestre Vitalino”, se apoiaram na concepção de ensino de arte como conhecimento, proposta pela Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. A experiência vivenciada nas duas salas de aula revela que processo de ensino e de aprendizagem da cultura local (obra de Vitalino), através da mediação da professora, possibilita maior interação entre professor-aluno-escola, a partir da contextualização e equilíbrio entre a leitura e o fazer artístico, promovendo assim o desenvolvimento cultural e a autonomia dos educandos.

A alegria e o prazer se refletiram na participação efetiva dos alunos e professoras no processo de construção do conhecimento proposto na oficina, com a leitura e fazer artístico compartilhado com a comunidade escolar, revelando-nos que a arte é tão importante quanto os demais componentes curriculares no desenvolvimento cognitivo das crianças.

As professoras perceberam, a partir dessa ação formativa, que o ensino de arte vai além do simples fazer artístico (apresentações artísticas e produção de objetos para datas comemorativas, festas cívicas, dentre outras), o qual é esvaziado de conteúdo de arte, podendo o conhecimento do campo da arte contribuir para uma formação crítica e criativa dos alunos.

Ora, se as formações (inicial e continuada) não promovem a reflexão-crítica nos professores, levando-os a transformar a práxis pedagógica no ensino de arte (SILVA, 2005), acreditamos que a realização de oficinas de Arte com os docentes e gestores na escola, a partir de experiências formativas com Arte como conhecimento, pode fortalecer

as relações coletivas, interativas, que tanto contribuem para o desenvolvimento cultural e da autonomia de professores e conseqüentemente de alunos.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação (Propesq), ao CNPq, a escola que aceitou ser nosso objeto de estudo e as professora *Tarcila* e *Guita* por nos fornecerem informações importantes para nossa pesquisa.

### REFERÊNCIAS

Azevedo, F. A. G. de. 2014. *A recepção da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais em Pernambuco: histórias e sentidos*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco.

Barbosa, A M. 2005. *Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais/ Ana Mae Barbosa (org.)*. São Paulo: Cortez.

Freire, P. 2002. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra.

Guimarães, V.S. 2004. *Formação de professores: Saberes, Identidade e Profissão*. Campinas, SP: Papirus. (Coleção Entre nós Professores).

La Taille, Y. 2001. Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 89-119, novembro.

Silva, E. M. A. 2005. *Arte como conhecimento: as concepções de ensino de arte na formação continuada dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamenta de Recife*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, C.E. Recife-PE.

Silva, E. M. A. ; Araújo, C. M. 2007. Tendências e Concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócioepistemológico da Arte/Educação. In: *Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambú.

Tardif, M.; Lessard, C.; Lahaye, L. 1991. *Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente*. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 4, p. 215-233.

Thiollent, M. 2000. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 9. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados.

Zatti, V. 2007. *Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre. EDIPUCRS.